

IMIGRANTES ALEMÃES ENTRE A PARTICIPAÇÃO E O PAPEL DE VÍTIMAS: A TRANSFORMAÇÃO DE LEOPOLDINA EM HEROÍNA DA INDEPENDÊNCIA BRASILEIRA[1]

Por *Frederik Schulze*[2]



Em muitos países da América Latina, a memória da independência teve um papel importante na construção da identidade nacional. Desde as comemorações destas datas no século XIX, rituais simbólicos e a veneração de heróis, no sentido de “tradições inventadas”, passaram a ter um significado crucial.[3] A independência como elemento essencial dos mitos de criação nacional era um projeto da elite, que ao mesmo tempo desejava homogeneizar a nação e excluir ou incorporar simbolicamente ao discurso de identidade uma grande parte da população. Dessa maneira, os indígenas possuíam na maioria das vezes um papel apenas simbólico, por exemplo, por meio da lembrança de um passado indígena mistificado. Em contrapartida, para os grupos de imigrantes não foi reservado nenhum papel na construção dessa identidade nacional. No caso do Brasil, esses grupos eram compostos pelos brasileiros com ascendência africana e também pelos diferentes imigrantes europeus.

No século XIX predominava no país a ideia da chamada identidade luso-brasileira, ou seja, a identidade “branca” caracterizada pelos portugueses. Na década de 1930, a identidade nacional ganhou um novo sentido com a ideia da suposta democracia racial nos moldes de Gilberto Freyre. Segundo esse conceito, todos os grupos

contribuíram com sua cultura e identidade, apesar da herança portuguesa ainda ser vista como a base dessa identidade heterogênea.[4]

Partindo desses conceitos, o presente artigo trata das seguintes questões: como grupos, em um país de imigração como o Brasil, lidavam com a memória homogênea da independência e como eles se incluíram nesse processo de memória. Para analisar essas questões tomo como exemplo os intelectuais brasileiros de língua alemã, ou seja, descendentes dos chamados imigrantes “alemães”, que imigraram para o Brasil principalmente no século XIX. Esses intelectuais eram na sua maioria jornalistas, pastores, professores e profissionais do setor público. Entretanto, nem sempre pastores e professores eram brasileiros, mas muitas vezes cidadãos do Império Alemão que vinham diretamente da Alemanha e estavam de passagem pelo país a serviço da política de preservação da germanidade (*Deutschtumspolitik*). Desde a década de 1860, porém, com maior intensidade a partir de 1900, diferentes organizações, principalmente as ligadas à igreja, como a Igreja Territorial da Prússia, e sociedades particulares, por exemplo, a Liga pela Germanidade no Exterior, ocupavam-se da preservação da germanidade no Brasil. Esse trabalho tinha como objetivo obter influência econômica e informacional entre os imigrantes, que dessa maneira estavam ligados ao Império.[5]

Esses intelectuais construíram uma participação “alemã” muito especial no processo da independência brasileira, principalmente depois das duas campanhas de nacionalização durante as guerras mundiais, nas quais o Brasil lutava contra a Alemanha e, por isso, proibiu a língua alemã e a *Deutschtumspolitik* no país. Uma contribuição significativa desses intelectuais está relacionada à transformação da primeira imperatriz brasileira, Leopoldina (1797-1826), em uma figura heróica “alemã”. Dessa maneira, esses intelectuais exteriorizaram nessa figura heróica a autoimagem do grupo de imigrantes “alemães”, com a projeção de experiências conflitantes, pelas quais os falantes de língua alemã foram expostos durante a implementação das medidas de nacionalização. A figura da mulher tolerante “alemã”, a qual era atribuída uma influência fundamental no processo de independência do Brasil, representava, ao mesmo tempo, uma metáfora não somente da mulher “alemã”, mas também dos imigrantes “alemães” em geral, que apesar dessa importante contribuição para a nação foram estilizados como vítimas desconhecidas.

Assim em 1922, durante as comemorações dos 100 anos da independência brasileira, grande parte dos chamados “teuto-brasileiros”, principalmente os jornalistas, ainda estava impressionada com as medidas de nacionalização implementadas durante a Primeira Guerra Mundial. No dia 10 de Abril de 1917, o Brasil rompeu as relações diplomáticas com o Império Alemão. Esse rompimento ocasionou violentas represálias contra negócios administrados por cidadãos do Império Alemão ou por descendentes de imigrantes falantes da língua alemã. Abusos continuaram ocorrendo, até mesmo após a entrada do Brasil na guerra no dia 25 de outubro. A partir de novembro de 1917 foram proibidas a publicação de jornais em língua alemã e a celebração de cultos e missas nesse idioma. Além disso, escolas de língua alemã foram fechadas. Falar alemão em público também foi proibido. No final de janeiro de 1919 essas medidas foram revogadas. Essas proibições e a interrupção do trabalho de preservação da germanidade, devido à guerra, prejudicaram as ambições alemãs no Brasil.

Antes das medidas de nacionalização, os jornais de língua alemã no Brasil acentuavam a ligação alemã à independência, sempre reforçando a autoimagem teuto-brasileira.[6] Um exemplo é o seguinte artigo do *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre em 1886:

E milhares de alemães, que nas margens da hospitalidade do Império encontraram uma nova pátria, comemoram juntamente com o povo brasileiro o dia da independência. Essa pátria adotiva é amada de todo o coração por eles, cujo empenho é o seu progresso e o trabalho para o seu desenvolvimento.[7]

Nesse artigo, o redator ainda se identificava com o Brasil e a independência e salientava a contribuição “alemã” para a construção da nação – a ênfase do trabalho alemão era um elemento importante.[8] Porém, esse entusiasmo já não existia mais após o fim da Primeira Guerra Mundial. Em uma carta do dia 10 de janeiro de 1922 para o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, Georg Alfred Plehn informava sobre essa situação. O diplomata foi enviado ao Brasil em 1920. Na carta, ele apontou a falta de interesse dos teuto-brasileiros em participar das comemorações dos 100 anos da independência do país:

Não há estímulos para a construção dos habituais monumentos, chafarizes ou afins característicos dessas ocasiões, especialmente também levando em consideração o

curto período de tempo que se passou desde a retomada das relações entre os países. Resumindo, não há nenhum interesse vívido na questão.[9]

Durante as celebrações do centenário da independência um clima parecido tomou conta da imprensa de língua alemã. Um comentarista do *Deutsche Post*, de São Leopoldo, era contra à construção de um monumento por descendentes dos imigrantes, considerando essa atitude uma ambiguidade. O Brasil declarou guerra e, por isso, seria culpado no conflito entre os dois países. Se alguém deveria construir um monumento para a amizade de ambos os povos, esse alguém deveria ser o Brasil. No contexto da *Deutschumspolitik*, para o comentarista faria mais sentido a criação de uma biblioteca alemã, “assim poderá se fazer valer permanentemente, por completo, de outra maneira o pensamento e o saber alemão.”[10]

Contudo, no dia da independência, 7 de setembro, foram publicados na imprensa de língua alemã artigos benevolentes e interessados, enfatizando como nas últimas décadas a cooperação alemã construiu o Brasil. Desde a sua imigração, “por meio do constante trabalho difícil, mas bem-sucedido, os teuto-brasileiros viveram para melhorar o país”[11], segundo o *Neue Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre. Assim como era grande a crença na contribuição própria para a construção nacional, sem dúvida deveria ser também grande a decepção por essa contribuição perante a sociedade brasileira não ter a aceitação esperada. E, ao invés disso, aconteceram casos como as represálias de 1917 e 1918.

Entretanto, em 1922, a memória da independência entre os descendentes de língua alemã ainda não havia se modificado de forma determinante. Essa representação começou a mudar em 1923, com a publicação do livro *Deutsche Mitarbeit in Brasilien* (A cooperação alemã no Brasil), do pastor luterano Paul Aldinger, que atuou em Santa Catarina entre 1901 e 1927. No livro, Aldinger relacionou explicitamente uma figura “alemã” à independência.[12] No ano anterior essa figura não tinha importância para a imprensa de língua alemã. Apenas um jornal, o já mencionado *Neue Deutsche Zeitung*, citou o seu nome no contexto da independência, porém, sem reforçar a sua importância.[13] Essa figura é Leopoldina, a primeira imperatriz brasileira.[14]

Os 100 anos de seu falecimento foram completados em 1926. Essa data serviu de pretexto para a imprensa de língua alemã continuar a sua construção como heroína “alemã” e enfatizar a sua participação na independência.[15]

A segunda profunda campanha de nacionalização do período Vargas,[16] que pretendia conscientemente criar uma “brasilidade”, contribuiu para transformar em tabu a memória positiva do passado alemão dos imigrantes até a década de 1970. Além disso, a medida limitou principalmente a utilização da língua alemã no Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial foram publicados artigos que procuravam reabilitar o papel dos alemães no país. Além do romance “Dona Leopoldina” (1954),[17] de Heinrich Schüller, pode se citar os artigos escritos pelo historiador amador Karl Heinrich Oberacker jr. Com sua monografia *A contribuição teuta à formação da nação brasileira* (primeira edição em alemão de 1955), Oberacker deu continuidade a ideia do trabalho alemão no Brasil. O autor dedicou, inclusive, um capítulo à Leopoldina.[18] Além desse texto, em 1973 ele publicou uma biografia da imperatriz.[19] Seguindo as ideias de Oberacker, surgiram também na Áustria textos escritos por historiadores amadores que transformaram Leopoldina em uma heroína.[20]

Maria Leopoldina nasceu em Viena em 1797. Seus pais eram o imperador da Áustria Franz I e Maria Theresia. Em 1817 ela se casou com o herdeiro do trono português Dom Pedro I e foi enviada para o Rio de Janeiro, onde a corte portuguesa estava desde 1808, quando fugiu das tropas napoleônicas. Após a independência do Brasil em 1822, ela foi coroada imperatriz. Dos seus sete filhos, apenas quatro chegaram à idade adulta, entre eles Dom Pedro II, que se viria a ser o segundo imperador do país. Durante os anos de seu casamento, seu marido manteve relações extraconjugais. A imperatriz faleceu em 1826, em consequência de um aborto.

Desde a publicação do livro de Aldinger, Leopoldina era retratada na imprensa brasileira de língua alemã como a figura heróica alemã. Nos artigos, ela representava a autoimagem “teuto-brasileira”. Dessa maneira, foram lhe atribuídas características específicas, consideradas tipicamente alemãs, e a sua contribuição para a construção do Brasil foi destacada. Nesse contexto três aspectos apontados inicialmente por Aldinger são essenciais: o papel de Leopoldina no processo de independência, seu engajamento no recrutamento de imigrantes alemães e o fato de seu filho “alemão”, Dom Pedro II, governar o Brasil durante décadas como imperador brasileiro. Seu marido, Dom Pedro

I, era descrito com seu oposto negativo. Ele, de certa maneira, representava os brasileiros de ascendência portuguesa. Consequentemente, os artigos mostravam como foi horrível o matrimônio de Leopoldina e a descreviam como vítima, o que por sua vez remetia a própria visão dos teuto-brasileiros, que não se sentiam reconhecidos e estavam traumatizados com as medidas de nacionalização.

Leopoldina como a mulher “Alemã”

Leopoldina foi descoberta com uma figura heróica já em textos de 1922. Desde então, a sua pretensa germanidade é destacada. Essa germanidade seria claramente reconhecida na imperatriz. Ela é descrita, frequentemente, como “a mulher e mãe alemã”. [21] Neste contexto, a germanidade é uma categoria ampla e homogênea que abrange a grande Alemanha, incluindo Áustria (*großdeutsche Lösung*). Ela presume uma cultura única, além de uma base racial homogênea de todos os falantes de língua alemã. Os textos esclarecem o que seria o típico ideal da “mulher alemã” e da “mãe alemã”.

A categoria “alemão” é formada por diferentes subcategorias. Por um lado, ela é argumentada com a ascendência, ou seja, com a categoria racial: Leopoldina, a “imperatriz do Brasil de sangue alemão” [22] seria “loira de olhos azuis”. [23] Por outro lado, qualidades morais, religiosas e de caráter são acrescentadas as características físicas. Essas qualidades representam, como a jornalista brasileira Maria Rohde formulou depois da Segunda Guerra Mundial, “a mulher ideal e símbolo da fidelidade alemã” [24], ou como Oberacker afirmou no mesmo período “a verdadeira mulher alemã”. [25] Aldinger descreve um verdadeiro catálogo de virtudes: “bondade – amabilidade – suavidade – sentimento – caridade – constância – alma – vocação – conhecimento – encanto – formosura – humildade”. [26] Além disso, Leopoldina seria uma “excelente mãe” [27] e se destacava pela sua “devoção” [28] e “orientação moral e religiosa”. [29] Várias dessas atribuições aparecem nos textos analisados neste artigo. [30] A ideia de uma mãe alemã, decente e religiosa que representava os pretensos valores alemães e aqui estão incorporados na figura de Leopoldina evidencia o caráter da imperatriz como modelo a ser seguido por todas as mulheres “alemãs”. Esse modelo

é frisado frequentemente. Aldinger até exigiu das mulheres “alemãs” do Brasil a construção de um memorial para imperatriz.[31]

Um papel muito importante na preservação da germanidade foi atribuído às mulheres, pois elas como mães falantes do alemão poderiam transmitir essa germanidade para os seus filhos melhor do ninguém. Dessa maneira, a ênfase não somente racial, mas também nas qualidades religiosas e do caráter de Leopoldina podem ser interpretadas como um guia para as mulheres “alemãs” no Brasil.

Outro aspecto interessante é a ênfase no caráter culto de Leopoldina.[32] A autora austríaca Gloria Kaiser aproveitou o aspecto da mulher emancipada e independente e em 2000 transformou o discurso de Leopoldina em feminista: Leopoldina aparece agora com uma mulher política e emancipada, como a pioneira da emancipação e, juntamente com Anita Garibaldi, como uma das mulheres mais importantes da história latino-americana do século XIX.[33] A seguir mostro como essa interpretação foi retirada dos discursos de germanidade da década de 1920.

A Contribuição de Leopoldina para o Brasil

1) *Independência*. Em 1923, Paul Aldinger foi o primeiro a escrever sobre o mérito de Leopoldina para o Brasil e relacionar a sua imagem à contribuição “alemã” para o país. Nesse texto, ele atribuiu uma contribuição da imperatriz no processo de independência, porém sem esclarecer exatamente essa participação: “por meio de seu corajoso e insistente lema vanguardista na questão da independência ela prestou um grande e extraordinário serviço ao Brasil”.[34] Afirmções gerais e parecidas com estas podem ser encontradas nos anos seguintes, feitas também por outros autores.[35]

Aproveitando os 100 anos da morte da imperatriz em 1926, Aldinger publicou um artigo no *Kalender für die Deutschen Evangelischen Gemeinden in Brasilien* (Almanaque para as Comunidades Evangélicas Alemãs no Brasil). Nesse artigo, ele especificou a contribuição de Leopoldina para a independência. A imperatriz teria tido “uma parte decisiva”[36] nas decisões de Pedro de permanecer no Brasil, quando a corte portuguesa exigia a sua volta para Portugal, e de declarar a independência em 1822. Segundo Aldinger, ela exerceu sua influência sobre o hesitante

Pedro através de cartas e de sua posição como regente substituta. Principalmente uma carta que Pedro teria recebido no dia 7 de setembro de 1822 o motivou para o “Grito do Ipiranga”, no qual ele declarou “independência ou morte”. Nessa carta, a qual Aldinger não comprova a existência, Leopoldina teria escrito sobre uma maçã madura que Pedro deveria colher, antes dela apodrecer.[37] Por isso, ela era, para Aldinger, a “heroína da independência”[38] e também a “paladina da independência”[39], que através de suas ações teria se tornado o “símbolo da cooperação alemã no Brasil”.[40]

Essas narrativas apareciam amplamente nos textos de língua alemã escritos no Brasil. Em São Leopoldo, Henrich Schüller escreveu em 1954 um romance sobre Leopoldina. O autor constatou, por exemplo, que “o Brasil deve aos dois, mãe e filho, a manutenção da independência e da unidade, e, com isso, a vida”.[41] No prefácio do livro de Schüller, Maria Rohde descreveu a imperatriz, até mesmo, como uma “condutora da história”.[42]

Karl Heinrich Oberacker jr., que escreveu vários artigos e monografias sobre Leopoldina, levou essa história adiante. Em 1955, o autor publica sua principal obra sobre a contribuição teuta para a construção do Brasil. Suas suposições são parecidas com as feitas por Aldinger no livro homônimo. Oberacker também se inspirou em Aldinger para estruturar o seu livro. Em sua obra, Oberacker apresentou diferentes personagens e o trabalho dos “alemães” no Brasil, procurando dessa maneira recuperar o prestígio dos incompreendidos “teuto-brasileiros”, esquecido desde a Segunda Guerra Mundial e as medidas de nacionalização. Essa incompreensão era sentida pelo menos pelos intelectuais burgueses de língua alemã. Através dessa tentativa de reabilitação, ele deu continuidade ao discurso da cooperação alemã.

Oberacker dedicou um capítulo do seu livro para Leopoldina e a apresentou com aquela que conduziu a decisão de Dom Pedro I que ocasionou a independência.[43] No dia 2 de setembro de 1822, sob a direção de Leopoldina, o Conselho do Estado decidiu pela independência, a qual Pedro somente implementou, por causa, daqui mais uma vez lembrada, carta da maçã.[44] Desta maneira, Leopoldina aparece como “mãe do Brasil”[45] e “a maior personagem feminina da história brasileira”.[46] Em um artigo publicado em 1972, o autor mencionou novamente a participação de Leopoldina no Conselho de Estado e sua carta da maçã.[47] Na sua biografia da imperatriz, publicada em 1973 em português e em 1988 em alemão, ele escreveu detalhadamente sobre a sua

contribuição na independência. Aqui também foi frisada a sua influência sobre Pedro: “Consideramos a biografia da primeira imperatriz imprescindível para a compreensão de muitos pormenores da história brasileira, principalmente de muitas decisões de D. Pedro I.”[48]

Não é de se admirar que essa narrativa heróica, por sua vez, encontrou campos férteis na Áustria. A historiadora amadora, Johanna Prantner, escreveu em 1974 uma biografia, quase romanceada, de Leopoldina. A autora leva ainda mais adiante a ênfase de Oberacker. Ela chegou a seguinte conclusão: “Dona Leopoldina foi a política mais bem-sucedida que o Brasil apresentou até hoje.”[49] A imperatriz “se dedicou de corpo e alma ao ideal da independência brasileira e com uma convicção quase fanática sabia lutar por esse ideal”. [50] Segundo Prantner, através de sua influência sobre Dom Pedro I, Leopoldina desencadeou não somente um processo civilizatório no Brasil, mas o país deve à ela e também ao seu filho “a manutenção da independência, a unidade e, assim, a sua existência”. [51] Prantner tinha sempre à mão uma resposta para o fato da histografia brasileira ainda não ter estimado Leopoldina de forma correta: “Um patriotismo exagerado impediu até agora os historiadores brasileiros de reconhecer que essa mudança fatal na história brasileira é atribuída a Dona Leopoldina.”[52] A partir dessas observações, o embaixador austríaco no Brasil destacou o grande mérito de Leopoldina para o Brasil, durante as comemorações dos 200 anos da imperatriz em 1997.[53] Da mesma maneira, a escritora austríaca Gloria Kaiser narrou em forma de romance a importância da herdeira da coroa de Habsburgo para a independência[54] e, ainda no ano de 2000, a chama de heroína.[55]

A ênfase na importância de Leopoldina para a independência brasileira, no sentido de cooperação “alemã” para o país, é a adaptação dos discursos da germanidade para o contexto brasileiro realizada por intelectuais de língua alemã. Justamente o “trabalho alemão” tem um papel importante para essa autoimagem. Dessa maneira, Leopoldina, com a sua contribuição, representa o ideal típico da figura “alemã” e da alegoria cooperação alemã no Brasil. Assim, é enfatizada a participação dos “alemães” na fundação da nação e também o fato de que eles desde o começo pertenciam a essa nação. Prantner considerou Leopoldina a primeira brasileira: “ela sentia, pensava, planejava brasileiroamente.”[56]

2) *Imigração*. Os mesmos intelectuais de língua alemã que ressaltaram o mérito de Leopoldina para a independência brasileira, também enfatizaram sua iniciativa na imigração de alemães para o Brasil. Realmente, o major Georg Anton von Schäffer, um dos colaboradores mais próximos da imperatriz, providenciou o primeiro recrutamento de imigrantes de língua alemã para o país. Consequentemente, nos textos analisados neste artigo, Leopoldina é descrita como a “primeira imigrante alemã”[57] e “patrona”[58] da imigração alemã. “Ela contribuiu para o nascimento da germanidade brasileira [...]”[59] Dessa maneira, ela se torna uma figura fundadora não somente do Brasil, mas também do próprio grupo dos “teuto-brasileiros”, a quem “o Brasil e especialmente nós descendentes de alemães muito temos a agradecer”.[60]

3) *O filho*. A terceira contribuição de Leopoldina é, afinal, seu filho, que por muitos anos foi o segundo imperador do Brasil, Dom Pedro II. Esse “filho de uma mãe alemã – o maior brasileiro”[61] seria “um dos nossos”.[62] Leopoldina faleceu cerca de um ano após o nascimento de Pedro e, assim, não influenciou a sua criação. Esse fato, porém, levou os atores a explicar a suposta germanidade de Pedro como racial. Assim, Aldinger constatou que “a mãe transmitiu a ele muito através do sangue e da raça, pois a forma alemã aparece tanto externamente, no seu porte alto, cabelos e barba loiros, olhos azuis, quanto no seu caráter”.[63] Seguindo esse discurso, Oberacker dedicou ao segundo imperador brasileiro um capítulo próprio no seu livro *A contribuição teuta*. “Ele herdou profundamente da imperatriz Leopoldina suas características intelectuais e raciais: ele era a mãe.”[64] Se nessa narrativa a imperatriz “alemã” Leopoldina provocou a independência do Brasil, então, o imperador “alemão” Pedro foi responsável pela sua unidade.

Aqui é interessante a reinterpretação de elementos racistas do discurso da germanidade. Em textos do contexto da *Deutschtumspolitik* no Brasil são encontradas, geralmente, advertências sobre a mistura com brasileiros, ou com a raça românica, que causaria a degeneração dos alemães. No caso de Dom Pedro II, o problema da mistura de raças é simplesmente ignorado. Essa negação é tão proeminente, pois o marido de Leopoldina representa o inverso negativo da “mulher alemã.”

Leopoldina como vítima

Nos textos analisados, Dom Pedro I é descrito como o antônimo de Leopoldina, ou seja, como o pólo negativo oposto português, aquele “que une todos os erros de sua raça”. [65] Ele seria “cru e sem respeito” [66], um “meridional pecador e fogoso” [67] e “escravo de uma paixão, que ele durante anos não conseguiu controlar”. [68] Especialmente os amores de Pedro, apresentados com imorais, são criticados. Oberacker os transforma em uma patologia, ao escrever sobre “o caráter violento, doentio e marcado pela epilepsia do imperador”. [69] Dom Pedro I seria imoral, superficial e burro, enquanto Leopoldina era devota, fiel e instruída. Além disso, Pedro seria colérico e enfurecido, e Leopoldina calma e tolerante. Por meio dessa forma narrativa, a influência política de Leopoldina deveria parecer verossímil, pois Pedro é caracterizado com uma pessoa irracional.

Continuadamente, era enfatizado o fato de que Pedro trataria mal sua esposa. Nesse contexto, sua ligação com sua amante, Domitila, exposta abertamente tem um papel importante. Por um lado, Domitila é caracterizada como sendo o oposto de Leopoldina, ou seja, uma mulher má e lasciva [70], e por outro lado, essa ligação é responsável também pela suposta violência de Pedro. Segundo Schüler, essa violência atingiu seu apogeu, quando Pedro, durante uma crise epilética, chutou sua mulher grávida na barriga, de modo que ela veio a falecer alguns dias após esse episódio. [71] Mesmo quando esse episódio extremo não aparece ou é apenas citado como rumores, todos autores concordam sobre os seguintes aspectos. Leopoldina teria sido exposta a “humilhações” [72] e teria que suportar “desgostos e mágoas”. [73] No entanto, a imperatriz suportou tudo isso como uma “nobre padecente” [74], “porque ela se sacrificou com altruísmo”. [75] Nesse sentido, a “mulher alemã” Leopoldina aparece como vítima do “homem português”. Assim, é refletida não somente a autoimagem “alemã”, que necessita de uma imagem contrária para se delimitar, mas também repete uma alegoria dos imigrantes alemães no Brasil, que assim “como ela [Leopoldina], sintam-se infelizes”. [76]

Conclusão

Textos que constroem a imagem da primeira imperatriz brasileira, a herdeira de Habsburgo, Leopoldina, como figura heróica “alemã” da independência do Brasil foram publicados principalmente após o final das duas guerras mundiais. Esses textos foram escritos em alemão por descendentes de imigrantes alemães ou por atores da *Deutschumpolitik* do Império Alemão. Nos grupos de língua alemã circulava uma compreensão da germanidade que destacava a sua própria superioridade e também como obtê-la. Por isso, a ideia do “trabalho alemão” e da “contribuição teuta” para o Brasil era em uma parte importante no discurso da germanidade no país. Quando os “alemães” foram reprimidos e depreciados no Brasil, por meio das medidas de nacionalização, um discurso de vitimização foi acrescentado ao discurso de participação. Embora, os imigrantes “alemães” fossem bons cidadãos brasileiros e tivessem contribuído valiosamente para o Brasil, eles teriam sido ultrajados e negados.

Nesse sentido, Leopoldina representa uma alegoria desse papel: ela não representa somente as virtudes “alemãs” e é caracterizada como a “mulher e mãe alemã”, mas a ela é também concedido um papel essencial na independência e, assim, na existência do Brasil. Além disso, nesse discurso é acrescentando a contribuição da imperatriz para o país, suas atividades para trazer os primeiros imigrantes “alemães” e o imperador Dom Pedro II, seu filho, ou seja, “o filho de uma alemã”. Essa idealização de Leopoldina correspondia, em contrapartida, à representação negativa de seu marido português, Dom Pedro I, e a sua brutalidade contra a imperatriz. Assim, como com os alemães, o mérito da austríaca não foi reconhecido. Ao caracterizar Leopoldina como alegoria para a imigração “alemã”, os superiores “alemães” se tornaram uma vítima incompreendida. Ao mesmo tempo, o papel dos “alemães” no Brasil é feminizado, embora, o trabalho “alemão” no país fosse representado, normalmente, como masculino, ou seja, o trabalho rural na floresta.

No passado, descendentes de imigrantes alemães não somente exteriorizaram a sua ligação com as comemorações da independência, mas também relacionaram a sua autoimagem à figura heróica da independência. Dessa maneira, também foram trabalhados os conflitos na sociedade brasileira. A ideia da contribuição “teuta” para a nação brasileira, exemplarmente representada pela suposta “heroína da independência” Leopoldina, possui até hoje importância e é reencontrada na autoimagem do sul do país,

como motor econômico do Brasil. Como foi mostrado neste artigo, a união monolítica da nação brasileira nunca existiu e sua representação discursiva foi marcada por várias vozes e conflitos, desde o início da Nação.

Notas

- [1] O artigo foi traduzido do alemão por Clarissa Schimunda Neher.
- [2] Prof. Dr. Frederik Schulze – Friedrich Meinecke Institut. Freie Universität Berlin
- [3] Ver: Benedict Anderson: Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. Londres/ Nova York [1983] 2006 e Eric Hobsbawm/Terence Ranger (Hrsg.): The Invention of Tradition. Cambridge e outros [1983] 2010.
- [4] Sobre a construção da nação brasileira ver, entre outros: Dante Moreira Leite: O caráter nacional brasileiro. São Paulo 2007 e Georg Wink: Die Idee von Brasilien. Eine kulturwissenschaftliche Untersuchung der Erzählung Brasiliens als vorgestellte Gemeinschaft zu Hispanoamerika. Frankfurt am Main u.a. 2009.
- [5] Ver: Gerhard Brunn: Deutschland und Brasilien (1889-1914). Colônia/Viena 1971 e Stefan Rinke: „Der letzte freie Kontinent“. Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1918-1933. 2 volumes. Stuttgart 1996.
- [6] Giralda Seyferth fala de uma “identidade teuto-brasileira” burguesa em Santa Catarina. Essa identidade seria um recurso da germanidade e a pretensão de ser um bom cidadão brasileiro. Ver: Giralda Seyferth: Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis 1981. Para Porto Alegre ver também: Magda Roswita Gans: Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889). Porto Alegre 2004. André Voigt, ao contrário, aponta que a categoria “teuto-brasileira” deveria ser desconstruída e não apenas aceita, ver: André F. Voigt: O teuto-brasileiro. A história de um conceito. In: Espaço Plural Vol. IX, Nº. 19,2 (2008), p. 75-81.
- [7] Zum siebenten September. In: Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 8 de setembro de 1886, p. 1.

- [8] Sobre o tema ver: Seyferth: Nacionalismo e identidade étnica e Sebastian Conrad: Globalisierung und Nation im Deutschen Kaiserreich, Munique 2006.
- [9] Georg Alfred Plehn para o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1922. In: PA AA, R 78.999.
- [10] Eumenés: Die Unabhängigkeitsfeier und wir. In: Deutsche Post, São Leopoldo, 26 de agosto de 1921, p. 1.
- [11] Zu Brasiliens Unabhängigkeitsfeier. In: Neue Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 6 e 7 de setembro de 1922, p. 1.
- [12] Paul Aldinger: Deutsche Mitarbeit in Brasilien. Kurze Übersicht über die Geschichte des Deutschtums in Brasilien, Curitiba 1923.
- [13] Zu Brasiliens Unabhängigkeitsfeier. In: Neue Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 6 e 7 de setembro de 1922, p. 1.
- [14] Para uma introdução ver o artigo in Angel Bojadsen (ed.): D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz. São Paulo 2006.
- [15] Em 1917, ou seja, antes das medidas de nacionalização, Friedrich Sommer mencionou Leopoldina no seu livro “Deutschen Charakterbildern aus der brasilianischen Geschichte”, porém não fez referências sobre a sua contribuição para a independência. Ver: Friedrich Sommer: Deutsche Charakterbilder aus der brasilianischen Geschichte. 1ª Parte. São Leopoldo 1918 e Friedrich Sommer: Leopoldina, Erzherzogin von Oesterreich, Kaiserin von Brasilien. Ein Gedenkblatt zur hundertjährigen Wiederkehr des Tages ihrer Landung in Rio de Janeiro. In: Kalender für die Deutschen in Brasilien für 1917, p. 38-43.
- [16] Ver, entre outros: Käthe Harms-Baltzer: Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1930-1938. Berlim 1970.
- [17] Heinrich Schüler: Dona Leopoldina. Erste Kaiserin von Brasilien. Schutzherrin der deutschen Einwanderer. São Leopoldo 1954.

- [18] Karl Heinrich Oberacker jr.: Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation. São Leopoldo 1978.
- [19] Ver: Karl Heinrich Oberacker jr.: A imperatriz Leopoldina. Sua vida e sua época. Ensaio de uma biografia. Rio de Janeiro 1973. Em alemão: Karl Heinrich Oberacker jr.: Leopoldine. Habsburgs Kaiserin von Brasilien. Viena/Munique 1988. Ver também: Karl Heinrich Oberacker jr.: Kaiserin Leopoldine und Brasiliens Unabhängigkeit. In: Zeitschrift für Kulturaustausch Vol. 22, Nº 2 (1972), p. 17-20.
- [20] Ver: Johanna Prantner: Kaiserin Leopoldine von Brasilien. Der Beitrag des Hauses Habsburg-Lothringen und österreichischen Geistesgutes zur Entwicklung Brasiliens während der Monarchie im 19. Jahrhundert. Viena/Munique 1974; Gloria Kaiser: Dona Leopoldina. Die Habsburgerin auf Brasiliens Thron. Graz/Viena/Colônia 1994 e Gloria Kaiser: Dona Leopoldina. Die Habsburgerin auf Brasiliens Thron, 1797-1826. In: Brasilien-Dialog Vol. 3-4 (2000), p. 3-12.
- [21] Paul Aldinger: Leopoldina von Habsburg, die deutsche Frau und Mutter auf Brasiliens Kaiserthron, zu ihrem 100-jährigen Todestag am 11. Dezember 1926. In: Kalender für die Evangelischen Deutschen Gemeinden in Brasilien für 1926, p. 43.
- [22] Rudolf Grossmann (Iberoamerikanisches Forschungsinstitut Hamburg): Zum Geleit. In: Schüler: Dona Leopoldina.
- [23] Friedrich Sommer: Kaiserin Leopoldina von Brasilien (1797-1826). In: Deutsche Post, São Leopoldo, 11 de dezembro de 1926, p. 1.
- [24] Maria Rohde: Ein Wort an die Leser. In: Schüler: Dona Leopoldina.
- [25] Oberacker: Der deutsche Beitrag, p. 170.
- [26] Paul Aldinger: Leopoldina von Habsburg, die deutsche Frau und Mutter auf Brasiliens Kaiserthron. In: Kalender für die Deutschen Evangelischen Gemeinden in Brasilien für 1927, p. 111.
- [27] Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1927, p. 118.
- [28] Schüler: Dona Leopoldina. Ver: Oberacker: Leopoldine, p. 97-101.

- [29] Oberacker: Leopoldine, p. 108.
- [30] Ver: Sommer: Kaiserin Leopoldina, p. 1 e Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1926, p. 44 e 46.
- [31] Paul Aldinger: Kaiser Dom Pedro II. als Sohn einer deutschen Mutter. In: Deutsche Post, São Leopoldo, 28 de abril de 1922, p. 1.
- [32] Ver, por exemplo: Sommer: Deutsche Charakterbilder.
- [33] Kaiser: Dona Leopoldina, p. 3-12.
- [34] Aldinger: Deutsche Mitarbeit in Brasilien, p. 25.
- [35] Ver: Sommer: Kaiserin Leopoldina, p. 1.
- [36] Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1927, p. 114.
- [37] Ibid., p. 115.
- [38] Ibid., p. 122.
- [39] Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1926, p. 43.
- [40] Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1927, p. 122.
- [41] Schüler: Dona Leopoldina, p. 411.
- [42] Rohde: Ein Wort an die Leser.
- [43] Oberacker: Der deutsche Beitrag, p. 179-186.
- [44] Ibid., p. 188.
- [45] Ibid., p. 265.
- [46] Ibid., p. 509.
- [47] Oberacker: Kaiserin Leopoldine, p. 17-20.
- [48] Oberacker: A imperatriz Leopoldina, p. XXVI. Ver também: Oberacker: Leopoldine.

- [49] Prantner: Kaiserin Leopoldine von Brasilien, p. 45.
- [50] Ibid., p. 57.
- [51] Ibid., p. 89. Prantner copiou essa frase, assim como outras informações, de Schüler, ver referência 39. Assim, fica claro o entrelaçamento discursivo dos textos.
- [52] Ibid., p. 56.
- [53] Emanuel Helige: D. Leopoldina, mãe da independência. In: Simpósio Comemorativo do Bicentenário de Nascimento da Imperatriz D. Leopoldina. Rio de Janeiro 1997, p. 9-10, aqui p. 9.
- [54] Kaiser: Dona Leopoldina 1994.
- [55] Kaiser: Dona Leopoldina 2000.
- [56] Prantner: Kaiserin Leopoldine, p. 35.
- [57] Rohde: Ein Wort an die Leser.
- [58] Aldinger: Kaiser Dom Pedro II., p. 1. Ver também: Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1926, p. 45 e Sommer: Kaiserin Leopoldina, p. 1.
- [59] Sommer: Kaiserin Leopoldina, p. 2.
- [60] Schüler: Dona Leopoldina.
- [61] Oberacker: Der deutsche Beitrag, p. 277.
- [62] Clemens Brandenburger: Dom Pedro II. Zum 100. Geburtstag des Kaisers. In: Kalender für die Deutschen in Brasilien 1925, p. 33.
- [63] Aldinger: Kaiser Dom Pedro II., p. 1.
- [64] Oberacker: Der deutsche Beitrag, p. 278. Oberacker cita aqui “O Rei Filósofo” de Pedro Calmon.
- [65] Sommer: Deutsche Charakterbilder, p. 83.
- [66] Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1927, p. 118.

[67] Oberacker: Der deutsche Beitrag, p. 171.

[68] Oberacker: Leopoldine, p. 360.

[69] Ibid., p. 516.

[70] Ver: Sommer: Deutsche Charakterbilder, p. 83-87, aqui ela seria inclusive responsável pela morte de Leopoldina; Oberacker: Leopoldina, p. 358-359 e Kaiser: Dona Leopoldina 2000, p. 11.

[71] Schüler: Dona Leopoldina, p. 409.

[72] Sommer: Kaiserin Leopoldina, p. 1.

[73] Aldinger: Leopoldina von Habsburg 1927, p. 118.

[74] Zu Brasiliens Unabhängigkeitsfeier. In: Neue Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 6 e 7 de setembro de 1922, p. 1.

[75] Oberacker: Kaiserin Leopoldine, p. 17. Ver também: Rohde: Ein Wort an die Leser; Oberacker: Leopoldine, p. 11 e 505; Prantner: Kaiserin Leopoldine, p. 36 e Kaiser: Dona Leopoldina 2000, p. 11.

[76] Sommer: Kaiserin Leopoldina, p. 2.